

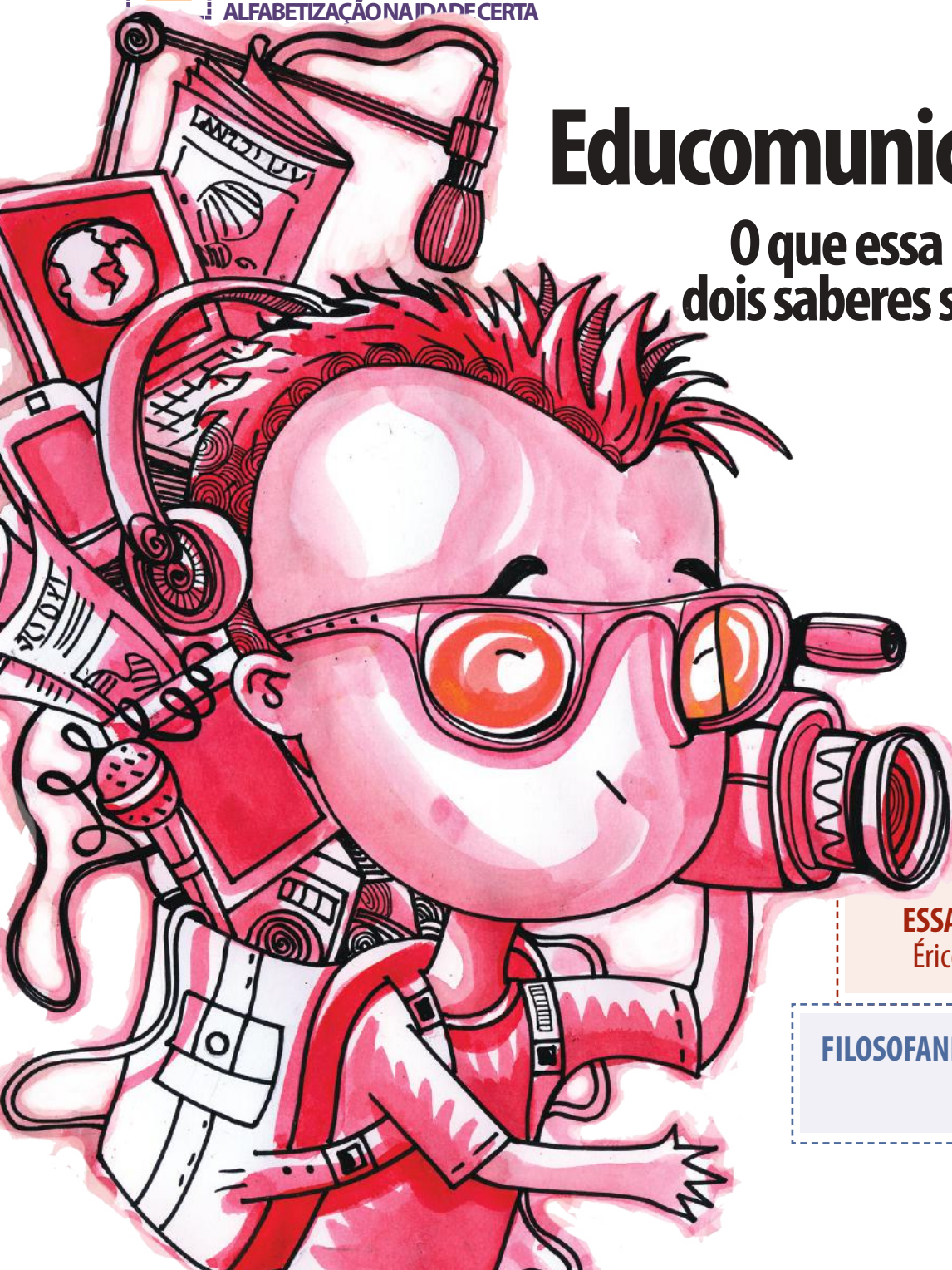
ANO 4/Nº 18/NOVEMBRO E DEZEMBRO DE 2013

pense!

REVISTA DO PROGRAMA DE
ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA

Educomunicação

O que essa união de
dois saberes significa?



PANORAMA
Memória 28

ESSAS MULHERES
Érico Veríssimo 20

FILOSOFANDO COM ARTE
Ikebana 13

EDITORIAL

Nesta décima oitava edição, trazemos um tema que parece distante da nossa realidade, por ser um campo de estudo relativamente novo, mas é de extrema relevância para o contexto social em que vivemos. A educomunicação, nome intrigante, que reúne dois saberes de enorme vastidão – a educação e a comunicação – vem sendo estudada País afora por muitos pesquisadores e, aos poucos, vem alcançando seu lugar merecido em nossos campos de pesquisa, em algumas universidades do Brasil.

Achamos importante dar relevância a esse tema na Pense! tendo em vista a crescente inserção dos meios de comunicação no nosso cotidiano, através dos aparelhos eletrônicos que vão adquirindo tecnologias cada vez mais avançadas para chegar a todos nós e estar presente na grande maioria dos nossos momentos. Pense bem: a quase todo instante, estamos conectados a algo, seja por telefone, computador ou televisão. Os meios de comunicação já são uma extensão de nós, e precisamos cada vez mais saber utilizá-los para, assim, transmitir nosso conhecimento aos nossos alunos. É assim que poderemos usar a comunicação em favor da educação, e vice-versa.

A consciência crítica toma um viés ambiental na seção Missão Possível, onde trazemos uma excelente experiência de contato com um dos principais biomas do nosso Estado, a caatinga. Na Escola Manuel Abdias, localizada em Nova Russas, o professor Antonio Leonardo construiu um movimento de valorização do semiárido, com pesquisas bibliográficas em torno do tema em sala de aula que, em seguida, tornaram-se motivo para a reflexão de parte da comunidade local, graças aos alunos.

Também na onda ambiental, trouxemos algumas inovações “tecnológicas” que estão muito bem em consonância com a natureza que nos rodeia, na seção Meio Ambiente. Através de um mapa, cada continente dá sua contribuição ao planeta com criações positivas de diversas áreas, como uma bicicleta de papelão e uma máquina de lavar portátil. Já pensou?

Esperamos que gostem da leitura. Até a próxima!

EXPEDIENTE

GOVERNADOR
Cid Ferreira Gomes

VICE-GOVERNADOR
Domingos Gomes de Aguiar Filho

SECRETÁRIA DA EDUCAÇÃO
Maria Izolda Cela de Arruda Coelho

SECRETÁRIO ADJUNTO
Maurício Holanda Maia

CONSELHO EDITORIAL
Rui Rodrigues Aguiar (UNICEF), Cristiane Holanda, Fabiana Skeff, Lucidalva Pereira Bacelar; Márcia Oliveira Cavalcante Campos, Maria Amélia Prudente Pinheiro, Mauricio Holanda Maia e Sandra Leite.

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Maria Amélia Bernardes Mamede

EDIÇÃO
Anna Cavalcanti e Sarah Kubrusly

SUPERVISÃO PEDAGÓGICA
Sarah Kubrusly

TEXTOS
Anna Cavalcanti, Sarah Kubrusly e Márcia Catunda

REVISÃO
Marta Maria Braide Lima

FOTOGRAFIAS
Morguefile e Wikicommons

ILUSTRAÇÕES
Carlus Campos

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Carol Gouveia e Pedro Marques

FALE CONOSCO
revistapensece@gmail.com

Os textos publicados na revista são de inteira responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, o posicionamento da Secretaria da Educação do Estado do Ceará.
Tiragem: 25.000 exemplares

Sumário

Pedagogia		Entrevista Ilan Brenman Literatura Infantil	10
Ciência		Meio Ambiente Pelo mundo Ideias sustentáveis	30
Cultura		Viver para Contar Maria Cabelão História de uma pescadora	22
Pedagogia		Plano de Aula Festa na sala O que aproveitar desse momento	16
Cultura		Asas da Palavras Jessier Quirino Causos, poesias e canções	36
Matéria Principal		Matéria Principal Educomunicação Formando consciências críticas	24
E ainda			
04	Prova dos Nove	32	Mãos à Arte
05	PAIC em Dia	34	Mundo Virtual
06	Bonito de se Ver	35	De Onde Vem
08	No Ceará é Assim	38	Papo Saúde
09	Você Sabia	40	Educação no Tempo
13	Filosofando com Arte	42	Sala do Professores
14	Missão Possível	44	O Ceará Conhece
18	Cadeiras na Calçada	46	Pense! Indica
20	Essas Mulheres	47	Diversão
28	Panorama		

Qual a sua dúvida?

Em minha sala de aula, algumas vezes os alunos recusam-se a fazer atividades alegando não gostarem. Por que fazem isso e o que posso fazer nessas situações?

(Mônica, de Horizonte)

Os motivos para isso podem ser variados e de natureza distinta. Alguns podem estar achando a tarefa além de suas possibilidades de realização. Nesse caso, o professor deve avaliar os alunos para perceber com mais clareza suas dificuldades, traçando, a partir daí, ações num nível mais próximo ao que ele se encontra – lembre-se de que toda atividade não pode ser fácil ao ponto de não produzir nenhum aprendizado novo nem muito difícil ao ponto de que a criança não consiga resolver por não possuir repertório que o auxilie a isso. Outro motivo pode estar relacionado ao fato de o aluno não se sentir confortável dentro do grupo, sentindo ansiedade, medo de errar, timidez ou insegurança. É importante que esse momento seja respeitado e que por meio de atividades de caráter lúdico e aos poucos, a criança seja encorajada a se lançar mais em direção ao grupo. Há, ainda, a possibilidade de o estudante não estar encontrando sentido na atividade e, por essa razão o professor pode motivá-lo a se empenhar nas atividades antecipando o conteúdo e a importância. Por exemplo, comunicar que serão feitos exercícios de leitura porque ao aprender a ler é possível conhecer histórias, tomar informações e saber novidades.

Alguns alunos costumam implicar constantemente com algumas outras crianças da turma dando apelidos. Qual meu papel de professora nesse contexto?

(Raquel, de Crateús)

O primeiro passo é identificar se essa atitude está configurando-se como bullying ou não. Observe que apelidos são dados, em que momentos são pronunciados e sua intenção. Se ela for de denegrir e estiver causando mal-estar constante deve-se pontuar que não se admite aquela atitude na sala de aula, como também no restante da escola. O professor deve ter uma postura segura e firme em se colocar diante do grupo e não manifestar qualquer simpatia com a atitude – é importante diferenciar simpatia pelo aluno das que se tem por sua atitude, pois ele deve entender que, apesar de ser querido, não pode fazer tudo o que deseja ou que, pelo fato de ter atitudes incoerentes, o professor não deixará de gostar dele, apenas não se identificará com algo que não está correto. Outro ponto importante a ser enfatizado é em relação à intervenção rápida e imediata. Caso a situação não se reverta, o professor deve entrar em contato com as famílias para explicar o que está acontecendo e pedir que elas conversem com os filhos. Para superar as diferenças e os atritos, o docente pode provocar situações dentro das atividades cotidianas da sala em que os dois extremos tenham oportunidade de se conhecer melhor e perceber as qualidades uns dos outros. **PI**

*Respostas dadas por Sarah Kubrusly, supervisora pedagógica da Pense!

ENVIE SUA PERGUNTA

revistapensece@gmail.com

Dia “D” da Leitura



Motivar as crianças para o encantamento pela literatura infantil, a partir do encontro com a fantasia que cada história oferece foi o objetivo do Dia “D” da Leitura, realizado dia 7 de novembro, no Parque Adahil Barreto. A ação integrou os Programas Alfabetização na Idade Certa (Paic) e Aprendizagem na Idade Certa (Paic+5), reunindo 600 crianças da rede pública de ensino de Fortaleza, Maracanaú, Caucaia, Horizonte, Maranguape, Eusébio e Aquiraz.

Nesse dia, foram desenvolvidas atividades de contação de histórias, teatro infantil, confecção de adereços e brincadeiras envolvendo personagens das Coleções Paic, Prosa e



Poesia, com a meta de fortalecer as atividades de leitura em sala de aula. Em 2013, foram entregues 45 mil coleções de livros de literatura infantil para todas as turmas da Educação Infantil e de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. **PI**

Seminário “A Criança e a Cidade”



Em 14 de outubro, na Unipace, o Instituto Stela Napolini realizou, em parceria com o Unicef e a Secretaria da Educação do Estado (Seduc), o Projeto Estrela Criança: II Mostra de Cinema Infantil e o Seminário A Criança e a Cidade. O objetivo foi promover, apoiar e implementar ações que visem o desenvolvimento social e a promoção humana, através de atividades ligadas à educação, cultura, esporte e meio ambiente.

O Seminário discutiu os desafios atuais da situação da criança no Ceará, dirigindo-se a apresentar subsídios para os administradores municipais. O foco temático girou em torno da necessidade de cada município garantir espaços adequados para as crianças se desenvolverem como pessoas em formação, sujeitas de direitos explicitados em nível constitucional e na legislação federal, estadual e municipal.

O evento contou com a participação da ex-prefeita de Florianópolis, Ângela Amin, do criador da Fundação Casa Grande, Alemberg Quindins, com o jornalista e escritor Flávio Paiva, entre outras personalidades fundamentais a essa discussão.



RENATA MEIRELLES

Comunidade
do Tatajuba,
no Ceará

Território do Brincar

De olhos abertos, ouvidos atentos e sentidos aguçados, o projeto propõe-se a perceber a criança por meio de sua expressão mais natural e viva: a brincadeira

Muitos costumam afirmar ser a infância a melhor fase de suas vidas. A afirmativa geralmente vem acompanhada de uma teia de comentários, carregados de lembranças de brincadeiras e da sensação de uma liberdade que sempre parece

distante, ao mesmo tempo em que permanece viva e presente.

O brincar é fundamental às crianças. Cipriano Luckesi, em texto de sua autoria, afirma que em muitas situações “o conceito de brincar que perpassa nosso cotidiano é bastante moralista”.

O educador exemplifica expressando que “aqui e acolá dizemos ou ouvimos dizer: ‘Agora, acabou a brincadeira; vamos trabalhar’; ‘Aqui não é lugar de brincadeira’; ‘Isso não é uma brincadeira’; ‘Vocês estão brincando, mas é preciso levar isso a sério’. Essas e outras expressões não fazem jus ao conceito de brincar. Ao contrário, desqualificam-no”. De forma bastante lúcida, Luckesi conclui que uma das consequências desse ponto de vista é o desmerecimento da infância, levando o sentido de que o que se faz nessa fase não é importante.

A criança, em seus momentos de brincadeira, desenvolve e expõe saberes, crenças,

cultura, criatividade e expressão. Uma verdadeira riqueza, que enche os olhares, e que o projeto Território do Brincar, coordenado pela educadora Renata Meirelles, busca conhecer mais profundamente e difundir Brasil afora. De acordo com informações institucionais, trata-se de um trabalho de escuta, trocas de saberes, registros e difusão da cultura infantil.

A vontade de criar o Projeto veio durante o curso de graduação de Renata, quando se interessou em estudar o brincar da criança. Esse elemento, aliado ao fato de gostar bastante de viajar, foi decisivo para que resolvesse visitar regiões diversas do Brasil e conhecer mais sobre a cultura da infância.

A jornada começou na Amazônia e, dois anos depois, em abril de 2012 resolveram iniciar uma nova jornada com intuito de abranger o máximo da diversidade brasileira, alcançando áreas rurais, urbanas, serranas, praianas, indígenas e quilombolas. Em dezembro de 2013 concluem suas viagens.

Renata afirma que “um diferencial do Projeto é que, para fazer essa busca e esse resgate, sempre passamos um tempo em um local para estabelecer vínculos com as crianças e entender a brincadeira por meio da espontaneidade.



Aldeia indígena Paraná, no Pará

MISSÃO


Missão: “Ouvir o Brasil a partir da voz das nossas crianças, que a um são tempo retratam a universalidade da infância e refletem e espelham o povo que somos. Em outras palavras, foca nas sutilezas do brincar, nos gestos e palavras que apresentam a essência da infância de toda criança”.

(EXTRAÍDO DO SITE INSTITUCIONAL)

Outro ponto forte é o desenvolvimento de vídeos, que são postados no site do Projeto. Além disso, há uma forte parceria com escolas, com as quais são feitas, todos os meses, reflexões sobre como a criança e a cultura da infância e do brincar são vividos fora e dentro da escola. Também firmamos parcerias com secretarias de educação e com o Instituto Alana”.

Um grande fruto desse trabalho foi constatar que no

Brasil as crianças brincam muito e há uma cultura da infância e da brincadeira muito rica, o que vai de encontro  crença que muitos adultos têm de que não se brinca mais. Além disso, em cada lugar visitado há guardado aspectos únicos e surpreendentes, como, por exemplo, no estado do Espírito Santo, onde habitam pomeranos. Esse povo migrou da Pomerânia (atual Polnia) para o Brasil por volta de 1872 e manteve sua cultura. Eles não falam português e, l, as crianças participam ativamente do trabalho da família. Ele, no entanto, não é um trabalho infantil e, sim, um momento em que as crianças estreitam seus vínculos familiares.

O Território do Brincar, portanto, através da exposição da linguagem genuína das crianças, que é o brincar, traz um pouco a essência do homem e mostra a riqueza de experiências que precisamos aprender. 



Areias coloridas

Garrafas com areia colorida fazem sucesso entre cearenses e turistas

Bonitas e com preços acessíveis, as garrafinhas feitas com artesanato de areia colorida são antigas, mas até hoje fazem sucesso entre cearenses e turistas, que gostam de levar o produto como uma “lembrancinha” da terra.

De acordo com o site “Arte do Brasil”, que mostra o perfil de artesãos de todo o Brasil, o trabalho com areia colorida é famoso em todo o litoral nordestino, mas foi no Ceará que a arte ganhou fama graças a Joana Andrade Maia, que encontrou uma pequena garrafa de vidro e a encheu com diversos tipos de areias encontradas nas falésias da praia de Majorlândia. Ao misturar as areias, ela percebeu que apareciam várias formas que lembravam alguns desenhos.

Apesar de ter surgido no litoral do Ceará, o artesanato com areia colorida ficou conhecido primeiramente fora do Brasil. Os turistas europeus com-

pravam mais as garrafas com desenhos do que os próprios brasileiros. Hoje, o quadro mudou e o artesanato local é muito mais valorizado. Essa mudança fez com que muitas famílias de artesãos passassem a garantir sua renda por meio das vendas de sua arte em garrafa.

Foi o que aconteceu com a artesã Maviniê Mota: “Eu trabalho com areia colorida desde 1984. O meu interesse surgiu assim que conheci a arte na casa da minha cunhada, que é de Aracati. Fiquei tão fascinada que resolvi aprender. A média de produção da garrafinha número 4 ou 4D [7 cm, considerada tamanho médio] por exemplo, que é uma das mais vendidas, é de 20 peças diárias e o preço é 5 reais”, explica.

Ainda de acordo com a artesã, as areias naturais possuem entre 7 a 9 matizes, todos em tons de terra com cores intermediárias entre o laranja e o branco. Areias de outras cores são tingidas com tons diferenciados, como azul, verde, lilás, entre outras. “Isso acontece por causa dos minerais que, depois de anos, formaram as falésias”, justifica.

O material para o artesanato de areia colorida é simples

e fácil de achar, feito basicamente de água, areia, peneira, sacolas plásticas, corantes para comida em diferentes cores, colheres e papel-toalha. Além da praia de Majorlândia, é possível encontrar artesanato de areia colorida na Praia das Fontes, Morro Branco e Canoa Quebrada. Fora do Ceará, o Rio Grande do Norte também é referência nesse tipo de artesanato, especialmente na praia de Tibau, em Mossoró.

Mas a areia colorida não é exclusividade de terras cearenses. O site Budget Travel fez uma lista com as praias mais coloridas do mundo, dentre elas se destacam a Papakolea, no Havaí e a Rainbow Beach, na Austrália, por exemplo. **PI**



AVISARA/SHUTTERSTOCK

Que gripe e resfriado são diferentes?

É muito comum confundirmos gripe com resfriado, principalmente por causa dos sintomas que são bem parecidos e a forma de contaminação que é a mesma: através do ar e do contato. A principal diferença é que a gripe pode chegar a matar e o resfriado, no máximo, pode deixar o doente sem disposição. A sabedoria popular costuma dizer que a gripe é um estágio avançado do resfriado, mas isso não é verdade. A gripe é causada pelo vírus influenza, já o resfriado pode ser causado por vários tipos de vírus.



Que a Casa Branca nem sempre foi branca?

A Casa Branca nem sempre foi da cor como a conhecemos hoje. No século XIX, a residência oficial dos presidentes dos Estados Unidos era da cor marrom. A construção do prédio teve início em 1792, e o projeto original era feito de material marrom. Nessa época, o local era conhecido como Palácio Presidencial. A cor branca só veio 22 anos depois, quando os ingleses tomaram a cidade de Washington e incendiaram vários prédios oficiais, incluindo o palácio. Após o incêndio, foi realizada uma reforma no local, e a pintura branca serviu para ajudar a esconder as marcas da destruição. Então a população começou a chamar o local de “Casa Branca”, como permanece até hoje.

Por que é necessário lavar a toalha se estamos limpos após o banho?

Quando tomamos banho não ficamos 100% limpos. Após o banho, apenas uma parcela dos micro-organismos presentes no corpo é eliminada, sendo assim, o que não sai na água, acaba ficando na toalha. Além disso, esses mesmos micro-organismos, como fungos e bactérias, estão presentes no ar e se reproduzem mais com a umidade do tecido. Sendo assim, eles podem ficar na toalha, causando micoses e crises alérgicas. Misturar toalhas também pode causar contaminação. Aos mais bagunceiros, que gostam de deixar a toalha em cima da cama, é preciso deixar o hábito de lado, pois os micro-organismos presentes na toalha podem ficar na cama e nos lençóis. **PI**



FONTE: WWW.MUNDOESTRANHO.ABRIL.COM.BR/

Ilan Brenman

Considerado um dos mais importantes escritores de literatura infantil do Brasil, o israelense Ilan Brenman teve seu interesse pelas histórias para crianças desperto ainda durante sua graduação no Ensino Superior, em Psicologia, na PUC-SP. Várias de suas publicações já receberam o selo “Altamente Recomendável”, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Pela mesma Fundação, recebeu três prêmios: Melhor Livro de Reconto em 2009, por “14 Pérolas da Índia” (Brinque Book), Melhor Livro-imagem em 2010, por “Telefone sem Fio” (Cia das Letrinhas) e Melhor livro para Crianças em 2011, pelo livro “O Alvo” (Ática). Este último livro foi, no ano de 2012, selecionado para fazer parte do catálogo da White Ravens (Munique/Alemanha), reconhecida por recomendar as melhores publicações mundiais de cada ano.

Pense!: Como você descobriu o desejo de escrever para crianças? Poderia nos contar um pouco de sua história e de sua ligação com a literatura infantil?

Assim que entrei na faculdade de Psicologia, comecei a trabalhar com crianças pequenas em um projeto de educação não-formal. No meu primeiro dia de trabalho, três crianças – com cerca de três, quatro anos de idade – se aproximaram e me disseram: “Ilan, conta uma história para a gente”. Eu respondi que não sabia e elas me olharam com uma expressão querendo dizer: “Como assim? Trabalha com crianças e não sabe histórias?”. Uma dessas crianças, então, disse uma palavra que mudou minha vida: “Ilan, inventa uma história”. O “inventar” foi como um raio jogado no meu cérebro e a



KIKO FERRITE

história começou a borbulhar da cabeça para a boca. Inventar, eu sabia. Depois de cinco minutos contando histórias, olhei novamente para baixo e estavam lá seis crianças, era o milagre da multiplicação. Quanto mais eu contava, mais crianças iam se aproximando e sentando, e eu me sentindo um pouco como o flautista de Hamelin. Foram bons dez minutos de histórias, com crianças boquiabertas, e eu espantado com aquela reação. Estava nessa época com 18 anos e, depois dessa experiência, comecei a fazer perguntas que me levaram à literatura: o que é uma história? Por que as crianças gostam tanto de ouvi-las? Por que eu gosto de contá-las? Qual a origem dessa arte? etc.. Correndo atrás dessas indagações, comecei a montar um acervo de literatura infantil, a estudar profundamente o tema – fiz mestrado e doutorado na USP, investigando a oralidade e a literatura infantil – e a contar milhares de histórias pelo mundo. No final dos anos 1990, comecei a perceber que as pessoas sempre queriam que eu contasse mais histórias, que eu ficasse mais tempo em suas cidades, escolas, universidades, livrarias, porém, sempre tinha de ir embora, voltar para casa.

Comecei a perceber que as pessoas sempre queriam que eu contasse mais histórias, que eu ficasse mais tempo em suas cidades, escolas, universidades, livrarias, porém, sempre tinha de ir embora, voltar para casa

– fez que eu percebesse que as pessoas podiam ter minhas histórias independentemente da minha presença física, pois o livro e a história circulam mais do que seu criador. Fiquei fascinado com esse processo e comecei a sonhar com livros e publicações.

Pense!: O que o inspira para produzir suas obras? Há algo especial?

Tenho, atualmente, 60 livros publicados, alguns são contos tradicionais de diversos povos como, por exemplo, “14 Pérolas da Índia”, “O Turbante da Sabedoria”, “Histórias do Pai da História” etc. Esses livros são fruto de uma intensa pesquisa de histórias universais. Tenho também livros que chamo de “criação pura”. São livros que nascem de uma ideia surgida de algum lugar que ninguém sabe localizar e, a partir disso, desenvolve-se a narrativa, como no livro “Mamãe é um Lobo!”. E a terceira e mais conhecida faceta da mi-

inha produção está vinculada à minha observação microscópica do meu cotidiano familiar, como em “A Cicatriz”, “Papai é Meu!”, “Até as Princesas Soltam Pum”, “A Menina do Avesso”, “Pai, não fui eu!” e outros.

Pense!: Durante muito tempo, e ainda hoje, há diversos escritores cujos livros e publicações levam lições e são carregados de efeito moral. Suas obras caracterizam-se exatamente pelo contrário. Por quê? O que o encanta nessa oposição?

Nunca escrevi pensando em educação e moralidade. Escrevo porque amo, sofro, sonho, tenho pesadelos, porque tive uma infância na qual explorei profundamente meu mundo interior. Escrevo porque tenho duas filhas sapecas, poetas, engraçadas, encenqueiras, corajosas, medrosas, curiosas, felizes, tristonhas. Por isso as crianças se identificam tanto com minha obra. Acredito que vou de coração e mente abertos para conversar literariamente com elas, e não ficar buscando compreendê-las e dissecá-las. Seria arrogância da minha parte acreditar que conheço o que elas precisam para serem um humano e um aluno melhor. Sinto que as crianças sentem-se agradecidas por histórias que as fazem rir, sonhar, ter medo e ter coragem. E



tudo isso não deixa de ser educativo, já que sem imaginação não há aprendizagem.

Pensel: Você tem um livro preferido? Qual é e o que o fez ser merecedor de sua preferência?

Normalmente, o último livro que é lançado pede mais atenção, pois é como um bebê. Chora mais, quer colo o tempo inteiro, precisa ser ninado enquanto os mais antigos já cresceram, têm mais autonomia, já tiraram carta de motorista e circulam por aí sem às vezes o pai saber onde eles estão. E, falando de bebês, não que seja meu favorito, mas, como disse, é um recém-nascido que muito me agrada: “Caras Animalescas”, publicado pela editora Cia das Letrinhas.

Pensel: Há alguma obra em especial que você acredita que todas as crianças deveriam ler?

“Reinações de Narizinho”, de Monteiro Lobato.

Pensel: A escrita para crianças é bem distinta daquela que tem como produto final um romance para adultos. O que é importante ter claro no momento de escrever para as crianças?

Respeito máximo à inteligência e à sensibilidade infantil, nunca menosprezar a infância e sua capacidade profunda da compreensão dos mais diferen-



tes aspectos da vida humana e do mundo ao seu redor.

Pensel: Além de escritor de livros infantis, você também é colunista da revista Crescer, onde leva reflexões sobre comportamento e contexto familiar. Como tem sido essa experiência?

Eu adoro escrever as colunas na “Crescer”, pois se trata do momento em que posso compartilhar minha visão de mundo com os leitores adultos.

Pensel: Você também é contador de histórias e busca estar envolvido com muito do que diz respeito à formação de leitores. O que você acredita ser mais importante para que isso aconteça? Como o contexto escolar pode representar um diferencial?

Nos últimos anos, fiz uma transição do contador de histórias para o escritor, e tenho me dedicado quase que integralmente ao mundo dos livros. Te-

nho paixão por fazer o livro, não só escrevendo histórias, mas pensando e selecionando ilustradores, formato do livro, fonte, gramatura de papel e tudo que envolve esse processo. Viajo muito pelo Brasil palestrando sobre a temática da formação do leitor, falando sempre da perspectiva de autor, educador e pai. A formação passa por publicações de boa qualidade – e o Brasil avançou muito nessa área –, por mediações de leitura em voz alta desses livros desde a primeira infância e pela necessidade de estimular a criação de desejos pelas histórias e suas respectivas casas: os livros. A escola é um lugar privilegiado e talvez único para milhões de crianças brasileiras terem contato com o mundo dos livros. Precisamos, cada vez mais, de professores amantes de literatura, professores encantados com os livros, pois encantamento é contagioso, assim como o bocejo. Portanto, amem os livros e eles serão amados também pelas crianças. **PI**

Ikebana

A delicadeza das flores é o tema inspirador dessa prática oriental milenar

A relação do homem com a natureza sempre esteve presente nas reflexões sobre nossa vida no planeta. Tudo que hoje existe de mais avançado surgiu da contemplação e da busca de compreensão dos fenômenos naturais. Também a arte buscou na natureza inspiração para suas expressões. As flores sempre exerceram forte fascínio sobre a humanidade. Cores, formas, texturas e aromas encantam nossos sentidos e trazem beleza e harmonia a nossos ambientes.

A prática de criar arranjos florais teve início na Índia e, depois, foi levada para o Japão onde ficou conhecida pelo termo ikebana, técnica que prima pelo alinhamento dos objetos e pela apreciação da cor, diferenciando o arranjo floral japonês de outros.

Muitos acreditam que sua origem está ligada ao ato

de colocar flores no altar de Buda, mas sabe-se que antes de o budismo ser introduzido no Japão já existia o costume de oferecer flores aos deuses.

O ikebana quer transmitir a ideia de crescimento contínuo na vida e de vitalidade, tendo por base a importância da linha, do ritmo e da cor. Enquanto os ocidentais priorizam a quantidade de cores das flores, os japoneses enfatizam a linha do arranjo, desenvolvendo a arte não apenas com flores, mas incluindo vasos, hastes, caules, folhas e ramos.

A haste principal forma a linha central do arranjo – “Shin”, o Céu, por isso é escolhido o ramo mais forte dos disponíveis. A haste secundária, “Soe”, o Homem, parte da linha central, e é colocada de maneira a produzir o efeito de crescimento lateral, devendo ter cerca de dois terços da altura da haste principal. Já a haste terciária, “Hikae”, a Terra, é mais curta e é colocada à frente ou ligeiramente no lado oposto ao das raízes das duas outras.

É de grande importância a posição correta de cada haste, onde são acrescentadas as flores para preencher o arranjo. Todas são colocadas de forma firme no recipiente, para dar a impressão de que crescem de uma mesma haste. A escolha do recipiente



é muito importante, pois a disposição do arranjo dependerá muito do tamanho, da profundidade e da largura desse.

O resultado expressa uma beleza singular. Com poucos elementos, o ikebana exprime harmonia e leveza, paz e alegria. É por isso que em todo o mundo cerca de 16 milhões de pessoas estão praticando o ikebana. Só no Brasil são mais de 16 escolas, entre elas a Sanguettsu, baseada nos ensaios filosóficos de Mokiti Okada, que afirma ter a flor o poder de eliminar os pensamentos negativos, daí a importância de ornamentar os locais onde as pessoas se reúnem. É por isso que praticar ikebana vai muito além de produzir um arranjo floral, é um momento de vivenciar e vivificar o que temos de mais sublime: a natureza e suas flores. **PI**



ANTONIO CARLOS LEONARDO GOMES



Conhecendo o que é nosso

A conscientização ambiental saiu do âmbito escolar para chegar à comunidade por meio do projeto “Nas Trilhas do Semiárido”

A caatinga é o único bioma exclusivamente brasileiro e, portanto, possui em sua biodiversidade espécies próprias do nosso País, como a ararinha-azul e a catingueira. Apesar de ser extremamente rica, ela ainda não tem o reconhecimento que merece e é um dos biomas mais fragilizados do nosso território, ameaçado pelo forte

extrativismo que tem levado à sua degradação. De acordo com o Ministério do Meio Ambiente, apenas 0,28% de sua área encontra-se protegida em unidades de conservação.

Em busca de reconhecer a importância de um bioma tão caracteristicamente nordestino, o professor Antonio Carlos Leonardo Gomes, em Nova Russas,

desenvolveu o projeto “Nas Trilhas do Semiárido: Aprendendo a Conhecer e Preservar os Segredos da Caatinga”. O público-alvo dessa iniciativa foram os alunos dos cursos de Agropecuária, Agroindústria, Eletrotécnica e Rede de Computadores da Escola Estadual de Educação Profissional Manuel Abdias Evangelista. A ideia do projeto surgiu quando o professor decidiu promover uma ação para desconstruir a ideologia de desvalorização do semiárido brasileiro: “Resolvi desenvolvê-lo fo-

Participar do projeto foi uma experiência ímpar, onde pude conhecer melhor a realidade da região semiárida, suas belezas naturais e características culturais, focando na preservação do bioma Caatinga e percebendo que é possível conviver bem com as condições da região do semiárido brasileiro.

Welerson Carlos – 2º ano

Foi de grande importância ter presenciado o desenvolvimento e a apresentação do projeto, onde tivemos a oportunidade de conhecer mais sobre o semiárido e da importância de preservá-lo, pois no semiárido encontramos um bioma exclusivamente brasileiro que é a Caatinga, que mesmo em meio do clima árido, com poucas chuvas ao longo do ano, apresenta diferentes tipos de espécies vegetais e animais, além de ter uma capacidade surpreendente de se transformar em determinado período do ano, onde há uma abundância de chuvas.

Joseane Freitas – 2º ano


Participar de um evento tão grandioso como a 65ª Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) em Recife, e poder mostrar um projeto que foi desenvolvido por minha escola foi muito gratificante. Entretanto, foi extremamente relevante poder apresentar para todos os visitantes do evento, que há possibilidades de uma boa convivência com as adversidades climáticas do semiárido, que o bioma Caatinga é único e nosso e que devemos acima de tudo preservá-lo, mas sem esquecer também da valorização cultural dos habitantes da região do semiárido do nordeste brasileiro.

Victor Melo – 2º ano



cado na problemática ‘educação e conscientização ambiental’, revelando sua importância para o desenvolvimento de uma postura crítico-construtiva juntos às diversas disciplinas que integram o currículo escolar em uma nova proposta de ensino médio integrado à educação profissional”, explica Leonardo.

A realização do projeto obedece algumas etapas. Primeiramente, são realizados estudos bibliográficos visando a compreender como se constitui a formação da caatinga enquanto unidade de vegetação tipicamente brasileira, inserida na região do semiárido, dando ênfase às suas principais espécies. Após a coleta de dados, todo o conteúdo obtido foi levado à sala de aula para se tornar meio de discussão e aprofundamento sobre o tema a ser trabalhado.

Durante a realização do projeto interdisciplinar, a Escola de Educação Profissional Manuel Abdias Evangelista conseguiu proporcionar em seu primeiro ano de funcionamento um amplo debate sobre as diversas questões ambientais que estão diretamente relacionadas às formas de convivência com o semiárido, preservação de suas espécies animais, vegetais e também a valorização cultural de seu povo, com seus costumes e tradições. Dessa forma, a escola pôde constituir-se em um ambiente de conscientização, ampliando o debate construtivo e despertando, assim, uma reflexão na comunidade sobre a ampla relação homem-natureza, tornando a educação ambiental parte do seu cotidiano. 



Hoje vai ter uma festa

Comemorar o aniversário das crianças na escola é uma ótima oportunidade para trabalhar com diversos conhecimentos

A data em que, anualmente, completamos mais um ano de vida é, para muitos, motivo de celebração e alegria. Trata-se de um dia em que, por tradição, recebem presentes, atenção diferenciada e um momento dedicado exclusivamente ao aniversariante: a hora de cantar os parabéns e soprar a vela que fica sobre o bolo.

A escola é um espaço em que as crianças também podem fazer sua comemoração, celebrando com os amigos de seu grupo e com a professora. E o expectativa por esse dia pode ser aproveitado pelo docente para a



realização de diversas atividades de cunho educativo. Vamos explorar algumas?

É certo de que não há meios para organizar esses momentos todos os dias em que uma criança completa ano. Mas o professor pode estipular com os pais e os alunos que as celebrações na escola ocorrerão de dois em dois, ou três em três meses aproximadamente. A partir daí, é hora de deixar a organização da data festiva ser protagonizada pelas crianças.

Para se fazer uma fes-

ta é necessário que se tenha uma lista do que será servido com a quantidade, e número de pessoas que participarão. Sendo assim, os alunos podem escolher, junto ao professor, o que será servido. Depois disso, o docente comunica-se com os pais para organizar o que cada um pode levar da lista. Após esse combinado, os alunos podem receber como atividade a responsabilidade de redigir um bilhete para lembrar seus pais a data da comemoração e o que de-

aniversariantes. O professor divide a turma de modo que cada criança escreva uma mensagem para um dos colegas – atenção para nenhum dos alunos receber mensagens a menos. Aqueles que ainda encontram muita dificuldade na escrita podem desenhar e escrever uma palavra como “felicidade”, “parabéns” ou “beijos” abaixo de sua arte – caso não saibam como se escreve, a professora pode mostrar o modelo. O cartão deverá ser entregue no dia da festa e os aniversariantes convidados a ler o que seus amigos escreveram.


Arte e consciência ambiental também podem ser trabalhadas. Basta combinar com os alunos que todos os aniversariantes da sala receberão de seus colegas um presente feito coletivamente com material reciclável. Podem ser produzidos vai e vens, bilboquês e boliche com garrafas PET, cavalinhos de pau, tambor com latinha de alumínio e outros. O importante é que todas as crianças recebam o mesmo presente, tendo por diferente somente a decoração deste.

Outra ideia para tornar o aniversário divertido e significativo é deixar que um dos itens alimentícios da festa seja preparado pelos alunos.

vem levar. Esse lembrete deve ser produzido em sala de aula e, antes de enviado para casa, deve ser corrigido.

Outro momento em que a escrita pode ser explorada é de elaboração de cartões para os

esquecida numa ocasião como essa. Inúmeras situações-problema podem ser oferecidas às crianças, partindo da temática e buscando um planejamento da festa. Para calcular quantos poderão ser feitos, por exemplo, pode-se perguntar às crianças quantos sanduíches cada uma comerá e fazer uma soma do total (que representa uma introdução ao conceito de multiplicação). A divisão também pode ser trabalhada de maneira concreta: se tenho 50 coxinhas e 25 crianças, quantas coxinhas cada uma vai comer? E se chegarem mais 50 pastéis, quantos serão comidos por cada aluno? Também podem ser propostos cálculos mais simples como: se a Maria comer 3 salgadinhos, 2 sanduíches e 2 docinhos, quantos itens Maria terá comido na festa? Outro exemplo: No prato de Pedro havia 1 fatia de bolo, 5 salgadinhos e 2 sanduíches, mas ele esbarrou em Marcelo e caíram 2 salgadinhos e 1 sanduíche de seu prato. Quantos itens sobraram no prato de Pedro?

Ficam, então, sugestões de como aproveitar um momento tão significativo para as crianças e aliar a ele diversos conhecimentos necessários para um desenvolvimento global dos alunos. 

A matemática não fica

Mania: qual é a sua?



Alguns hábitos podem se tornar prejudiciais ao nosso comportamento, mas não deixam de fazer parte da nossa personalidade

Dormir com a televisão ligada, roer as unhas, fazer compras no shopping, estalar os dedos, falar sozinho... É muito comum encontrar pessoas que possuem alguma mania em algum momento de suas vidas. As manias são comportamentos repetitivos geralmente motivados por superstições ou crenças, sendo muitas vezes consideradas características marcantes de uma pessoa.

O advogado Thiago Mello sempre realiza o mesmo

ritual antes de dormir: "Eu só durmo com a TV ligada. Caso alguém desligue durante a madrugada, acordo em até no máximo 5 minutos, parece até que eu fingia estar dormindo", conta aos risos. "Além disso, para dormir, o ventilador precisa estar ligado, tem que ter um edredom independente de estar frio ou calor, e os pés descobertos, mesmo que esteja frio", conta.

A assistente administrativa Aline Nunes tem uma mania mais simples. Ela bebe café todos os dias e, sempre após beber café, ingere água logo em seguida. Seu namorado também tem uma mania que ela considera cômica: "A cada dez minutos, ele estala os dedos das mãos ou quando fica nervoso. É engraçado", confessa, sorrindo.

Já os estudantes Maurício Lima e Claudia Viana possuem manias que causam alguns transtornos. Desde a infância, Maurício rói as unhas. "Já consegui parar por um período, mas sempre caio em tentação, principalmente em época de prova na faculdade, é difícil de controlar. Sei que faz mal à saúde, mas é uma mania que já se tornou vício", justifica.

A mania de Claudia prejudica seu bolso: ela vai ao shopping todos os dias fazer compras. "Principalmente quando chego estressada do trabalho,

É muito comum encontrar pessoas que possuem alguma mania em algum momento de suas vidas. As manias são comportamentos repetitivos geralmente motivados por superstições ou crenças, sendo muitas vezes consideradas características marcantes de uma pessoa

o shopping é minha terapia. Sempre trago alguma coisa, desde algo simples como um lanche ou uma revista até roupas caras. Por isso estou sempre cheia de dívidas", confessa.

A psicóloga Valéria Freitas alerta sobre os cuidados em relação às manias: "Sempre devemos buscar o equilíbrio. É preciso saber diferenciar uma mania de um mau hábito ou de um costume hereditário. Algumas manias são patológicas e acabam atrapalhando a vida da pessoa, que sofre preconceito, brincadeiras de mau gosto ou até mesmo bullying. Uma mania obsessiva pode evoluir para algo mais sério, como o SOC ou o TOC", esclarece.

O SOC corresponde aos Sintomas Obsessivos Compulsivos, que é mais comum. Ele acontece por exemplo em pessoas que conferem várias vezes se trancaram a porta de casa antes de sair ou se o gás do fogão está desligado. O ritual se torna obsessivo porque a pessoa se obriga a cumprir aquela tarefa e compulsivo porque ela repete o mesmo

movimento várias vezes sem necessidade. Caso isso aconteça de forma muito intensa e a pessoa ocupe muito tempo fazendo a atividade, pode estar com TOC (Transtorno Obsessivo Compulsivo). Nesse caso, é importante que haja um acompanhamento médico para que a pessoa não seja prejudicada pela suas obsessões.

Seja qual for a sua mania, o importante é que ela não atrapalhe a rotina. Manias são apenas traços da personalidade de uma pessoa, que marcam e nos fazem ser lembrados pelos nossos amigos ou conhecidos. Àqueles que possuem manias, o importante é não ter vergonha e saber conviver com elas normalmente. **P!**



As mulheres de Veríssimo

As personagens femininas de Érico Veríssimo foram ícones de fortaleza e bravura

Érico Veríssimo é um dos principais destaques da literatura brasileira, com mais de 30 obras em sua bibliografia. Como todo bom escritor, sempre teve gosto pela leitura e buscava inspiração em escritores consagrados, como Aluísio de Azevedo e Joaquim Manoel de Macedo.

As obras de Veríssimo, em sua maioria, são consideradas romances. Porém, o escritor também escreveu obras de ficção didática, narrativas de viagens e literatura infantil. O seu primeiro romance, "Clarissa", foi lançado em



1933 e é uma de suas obras mais marcantes. Por sua importância ímpar, está presente na maioria das escolhas literárias de escolas que o elencam como leitura necessária para a formação cultural de seus alunos.

O principal aspecto abordado pela obra refere-se à diversidade psicológica das personagens, que transitam pelo cotidiano da vida urbana do Rio Grande do Sul da década de 1930, revelando anseios, ideais e fracassos. Dentre os personagens, a protagonista Clarissa é uma adolescente de 13 anos que veio do interior para estudar e que se depara com um mundo novo e jamais idealizado.

De acordo com Regina Zilberman, escritora e especialista em Literatura Infantil e Juvenil, a imagem de Clarissa é associada, desde o início do livro, "à primavera que chega e às flores que nascem (...). Clarissa é o novo que se anuncia e alegria a todos". A personagem caracteriza-se por uma inocência e felicidade infantis, ao mesmo tempo em que, gradualmente, cresce e amadurece física e psicologicamente.

Conforme artigo de Elaine Cristina Barbosa Bernabé, Flairene Aparecida da Silva e Letícia do Carmo Neves "Clarissa vê ao seu redor vidas próximas com realidades distantes,

Ana Terra é uma personagem marcada por outras características, como o silêncio, que, ao longo da narrativa e da intimidade que o leitor vai ganhando com os sentimentos e os pensamentos da personagem, é dotado de muito significado. Esse silêncio é quebrado em alguns momentos do enredo, em que Ana Terra não teme em lançar seus pensamentos sinceros carregados de reflexões e verdades

que provocam na menina tristezas e alegrias e a fazem refletir amadurecendo seu espírito lentamente. Significa a passagem da infância para a adolescência com seus desejos, obrigações e ilusões de amor".

Outra personagem de enorme grandeza e destaque é Ana Terra, que aparece no segundo capítulo da primeira parte da trilogia "O Tempo e o Vento" – "O Continente". Por meio dela, Érico Veríssimo apresenta ao leitor uma visão feminina marcada pela força, paciência, moral e coragem.

Desde o início da trama, apesar da ter uma vida solitária, que vive em um lugar onde o medo e o trabalho estão impressos em quase todos, deixa inúmeros registros de inconformação, desejos e esperança de mudança.

Ana Terra é uma personagem marcada por outras características, como o silêncio, que, ao longo da narrativa e da inti-

midade que o leitor vai ganhando com os sentimentos e os pensamentos da personagem, é dotado de muito significado. Esse silêncio é quebrado em alguns momentos do enredo, em que Ana Terra não teme em lançar seus pensamentos sinceros carregados de reflexões e verdades. Não cala no silêncio e não teme falar quando todos silenciam ou quando, por razões culturais, deveria fazê-lo.

Alguns momentos marcaram de maneira extremamente negativa a vida de Ana Terra. Um deles foi a execução do índio Pedro Missioneiro, pai de seu filho, pelos próprios parentes – pai e irmãos. Outro foi a invasão e saqueamento de suas terras, quando teve de demonstrar uma coragem maior que em todos os momentos. Mesmo assim, Ana Terra mostra sua altivez e força quando ainda ergue-se e busca uma vida nova, em que vai lutar pelo que deseja. **[1]**

Maria Cabelão

Os cabelos compridos fizeram aparecer seu apelido, mas seu pioneirismo no mar legitimou sua história

Maria José do Nascimento nasceu no dia 18 de agosto de 1951 e é conhecida como a pescadora mais antiga do Ceará, a “Maria Cabelão”. Maria é natural do município de Acaraú, mas mora em Fortaleza há mais de 30 anos. Durante 10 anos, entre 1981 e 1991, ela trabalhou como pescadora. Seus pais nunca a incentivaram a pescar, ela fazia porque gostava. O local escolhido para a atividade era a Praia do Mucuripe. “Eu ia pescar lá todos os dias e fiz muitas amizades. Até hoje, quando volto ao local, as pessoas me reconhecem”, conta, orgulhosa. Seu pai tinha por ofício a agricultura, no entanto, para auxiliar na alimentação da família, pescava de vez em quando. Na infância, foi criada separada de sua mãe e, somente após muitos anos, pôde morar com ela.

O apelido surgiu já na época de pescadora, por causa do cabelo longo e natural. Maria nunca cortou os cabelos.

“Hoje, meu cabelo é curto somente porque envelheci e ele foi caindo. Mas nunca passei a tesoura”, confessou. Mesmo com o cabelo curto, Maria até hoje é chamada pelo apelido.

Seu primeiro emprego foi como doméstica, mas ela não se identificou com o trabalho e logo voltou para a pescaria. Segundo ela, ser pescador é uma boa profissão porque a pessoa faz seu horário e não há cobranças de patrão, embora seja inconstante, afinal nem sempre é possível pescar muitos peixes e conseguir lucrar bem.

Além de servir como alimento, o peixe era vendido e o dinheiro adquirido por Maria era usado no sustento da família.

“Eu ia pescar lá todos os dias e fiz muitas amizades. Até hoje, quando volto ao local, as pessoas me reconhecem”

mília. Além da vara de pescar, Maria utilizava a jangada junto a outros pescadores de uma tripulação. Não havia rivalidade ou competição, todos se ajudavam. O grupo passava o dia junto, porém nunca dormiram fora de suas casas por causa da pescaria.

O período como pescadora foi interrompido com o nascimento de seu neto. Sua única filha trabalhava como doméstica e, por não ter condições de dar a atenção devida ao filho por causa do trabalho, Maria decidiu assumir o papel de mãe, naquelas circunstâncias.

A profissão de pescadora permitiu que Maria Cabelão conseguisse realizar o sonho de milhares de brasileiros: a casa própria. Ela sempre morou na mesma casa, localizada no bairro Vicente Pizon, quando o bairro ainda não tinha esse nome. Apesar de gostar da profissão, Maria nunca incentivou sua filha e seu neto a seguirem a mesma carreira, pois, para ela, todos



Maria utilizava a jangada junto a outros pescadores de uma tripulação. Não havia rivalidade ou competição, todos se ajudavam. O grupo passava o dia junto, porém nunca dormiram fora de suas casas por causa da pescaria

devem seguir seu caminho sem influência de ninguém.

Ela reconhece que seu nome é referência no ramo da pescaria no Ceará, porém confessa que não entende o motivo. Acredita que o fato de ser mulher tenha influência, porém, para ela ser pescador é uma profissão como qualquer outra que pode ser exercida por homens ou mulheres.

Hoje, Maria Cabelão tem 62 anos e trabalha em casa, na produção manual de aparadeira, instrumento utilizado pelos pescadores para pegar peixes pequenos para servirem de isca para peixes grandes. Ela mora com a mãe de 89 anos, que trabalha com confecção de tapete, e com o bisneto de 8 anos. Maria Cabelão nunca casou, mas ela não se incomoda com isso. Para ela o que importa é curtir a própria liberdade e ser feliz. **PI**

Educomunicação

Refletir juntamente aos seus alunos sobre a mídia é fundamental para a formação de uma consciência crítica desde a infância

Pensar as relações entre educação e comunicação tem sido uma necessidade nos dias atuais. Essa necessidade torna-se cada vez mais imperativa quando passamos a reconhecer e a identificar os efeitos da constante exposição à mídia no nosso próprio contexto social e, também, na nossa percepção do mundo. A relação entre essas duas áreas começou a ser estudada com mais afinco desde a década de 1970, especialmente através do jornalista argentino Mário Kaplun, responsável por usar pela primeira vez o termo “educomunicador” para fazer referência ao profissional que mediava processos de jornalismo alternativo e projetos de rádio comunitária. A partir daí, o termo educomunicação se consolidou, foi ampliando-se e reformulando-se conforme novos estudos e centros de pesquisa que foram se especializando no tema, como o Núcleo de Comunicação e Educação, da Universidade de São Paulo (USP).

A educomunicação tem como principal objetivo integrar às práticas educativas o estudo dos sistemas de comunicação. Isso significa observar como os meios de comunicação atuam na sociedade e buscar formas de colaborar na construção de uma visão crítica dos alunos para que eles possam conviver com os meios de comunicação de forma ativa e não mais passiva, sem espaço para manipulações. Para isso, é necessário que haja um ensino sobre a comunicação e suas linguagens, para que os alunos possam conhecer e compreender as diferentes frentes da mídia, seja audiovisual, radiofônica ou impressa. E quais se-

riam as razões para que essa integração seja feita e chegue até a nossa sala de aula?

Ouvimos falar várias vezes que estamos inseridos na era da informação. Somos bombardeados a todo momento por notícias, imagens, propagandas e todo um aparato comunicacional que visa a nos convencer de algo. Somos impelidos a acreditar em ideias, produtos e informações que consumimos ao longo de todo um dia. Como somos capazes de discernir o que é verdadeiro e o que não é? Essa integração entre comunicação e educação existe tendo em vista essa interferência dos mídia em grande parte das nossas relações diárias. Falamos com outras pessoas através do telefone e da Internet, assistimos ao mundo pela televisão e acompanhamos as novidades pelas revistas. Dessa maneira, buscou-se na educação o suporte teórico para manter o público conscien-

A pergunta da educomunicação não é como usar melhor o rádio, ou o jornal, ou a Internet. Mas como utilizar esses recursos para melhorar as relações de comunicação

te do poder e dos efeitos dos meios de comunicação.

“Inúmeras iniciativas em diversas linhas estão sendo implementadas no mundo todo, visando a uma educação mais pragmática, eficiente, formadora e crítica e uma mídia mais comprometida, séria, cidadã. Nosso trabalho é, portanto, tra-

zer à luz essas possibilidades e acenar com as possíveis práticas que elas propõem, tendo consciência de que qualquer atraso nessa direção poderá resultar em uma educação menos eficiente e em uma comunicação mais hegemônica e alienante”, explica a professora Maria Cristina Castilho, do Núcleo de Comunicação e Educação da USP. Assim, a educomunicação vem para reforçar a importância dessa visão consciente, por parte de jovens e adultos. Edgard Patrício, coordenador do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC) vê o conceito de educomunicação mais como uma perspectiva de fortalecimento do estudo do campo, no sentido de fortalecer a ideia: “Educação é um mundo, comunicação é outro mundo, aí quando se junta as duas coisas, no que vai dar isso? Pelo menos dois mundos. Essa é a complicação. Tenho



minhas dúvidas se, dentro da própria educação ou da própria comunicação, a gente não teria condições de desenvolver esses conceitos que estão relacionados à educomunicação”, esclarece Edgard. Ismar Soares, um dos grandes incentivadores da educomunicação na América Latina, acredita que “diante da proliferação das fontes de informação e de conhecimento, o educador reafirma mais do que nunca seu papel insubstituível: não mais de acumular conhecimentos – que se pode encontrar em outro lugar – mas de servir dos conhecimentos para construir uma certa representação do mundo”. Dessa maneira, o trabalho do educador está em trabalhar as entrelinhas do conhecimento que nos chega, ampliando a visão do mundo que nos é transmitida pelos mídias.

Porque diariamente recebemos notícias provenientes de diversas fontes, podemos dizer que a educomunicação é uma disciplina transversal, por natureza. Ela pode ser útil a qualquer formação humana: geografia, história, ciências etc.. Através de um estudo crítico e consciente de tudo que chega de novo para essas áreas, temos a possibilidade de ampliar nosso conhecimento de forma mais embasada, de acordo com a realidade.

Os meios de comunicação

Segundo pesquisa realizada pelo Núcleo de Comunicação e Educação, os pilares da educomunicação são os seguintes: educação para a recepção crítica; expressão comunicativa através da arte; mediações tecnológicas no espaço educativo; gestão dos processos comunicativos e reflexão epistemológica sobre a inter-relação comunicação/educação.

Seguindo sob o viés das mediações tecnológicas no espaço educativo, programas de rádio, jornais, vídeos e blogs podem

ser produzidos na escola para mobilizar alunos e professores. Essa é uma iniciativa que aproxima ambas as partes do universo midiático e auxilia na compreensão desses meios. Por meio do uso e da apropriação desses mídias, podemos nos tornar mais íntimos das formas de produção e, assim, reconhecer de maneira mais nítida o real potencial de cada uma dessas formas comunicativas, seja impressa, televisiva ou sonora. Cada uma possui suas particularidades e sua forma individual de comunicar.

Essa intimidade não se dá somente através do estilo ou do formato desses mídias, mas, também, com relação ao conteúdo.

A educomunicação não visa a estabelecer uma opinião sólida a respeito dos mídias, mas, sim, proporcionar a possibilidade de que cada vez

mais pessoas possam formar opiniões próprias, constatadas por meio de sua consciência crítica. Assim, os meios de comunicação e o uso da tecnologia vêm como aliados nessa descoberta, conforme explica o professor Ismar Soares: “O estranhamento da educação não é exatamente a tecnologia, mas a maneira como a educomunicação pretende usar essas tecnologias. O instrutor educativo chega para analisar os processos de comunicação num ambiente escolar. A pergunta da educomunicação não é como usar melhor o rádio, ou o jornal, ou a Internet. Mas como utilizar esses recursos para melhorar as relações de comunicação. Como usar estratégia para a produção midiática. A educomunicação traz uma pedagogia nova que irá dialogar com as tecnologias tradicionais”, esclarece.

Procurando assimilar as formas de produção dos mídias referidos, estamos nos aproximando mais do seu universo e, assim, temos mais competência para entendê-los e criticá-los. Tendo em vista a sociedade de comunicação intensa em que vivemos, essa é uma necessidade real de todos os cidadãos que buscam ter uma presença mais ativa e menos passiva no seu meio. **PI**

Como se forma um educador

Segundo a pesquisadora francesa Geneviève Jacquinot, uma das maiores estudiosas do tema, o educador é um profissional:

- Consciente que uma educação “de massa” e “multicultural” situa-se além da simples aquisição de conhecimentos escolares;
- Que vê nos meios uma riqueza pelos seus conteúdos informativos, mas também pela maneira em que eles fornecem uma representação do mundo: em que há necessidade de analisar e de comparar, visando retificar as ditas representações;
- Que está convencido que uma emissão não é um ato “passivo”, mas mobiliza uma quantidade de “microssaberes” acumulados que o professor pode ajudar o aluno a colocar em relação, para construir seu conhecimento e lhe dar sentido;
- Que sabe que, quando ele introduz os meios como objeto de estudo, não é para fazer do aluno um pseudo-jornalista ou aprendiz-apresentador, mas para ensiná-lo a analisar do triplo ponto de vista do “poder” econômico e ético (político) que os produz, das “montagens do discurso e da cena” que constrói as mensagens e da audiência que lhes dá “sentido”.
- Que aceita um novo referencial para a relação educador-educando: o aluno pode ensinar ao mestre (principalmente a manipulação das novas tecnologias), os alunos podem ensinar uns aos outros (principalmente confrontando seus pontos de vista ou suas fontes de informações ou suas soluções para o problema proposto, em diálogo direto, por correio eletrônico ou fórum mediado);
- Que aceita que entrem na escola outros universos e outras modalidades de apropriação da realidade: em particular, ele pode, a partir das emoções provocadas pela televisão, trabalhar sobre diversas “abordagens do real” e construir progressivamente um pensamento rigoroso.

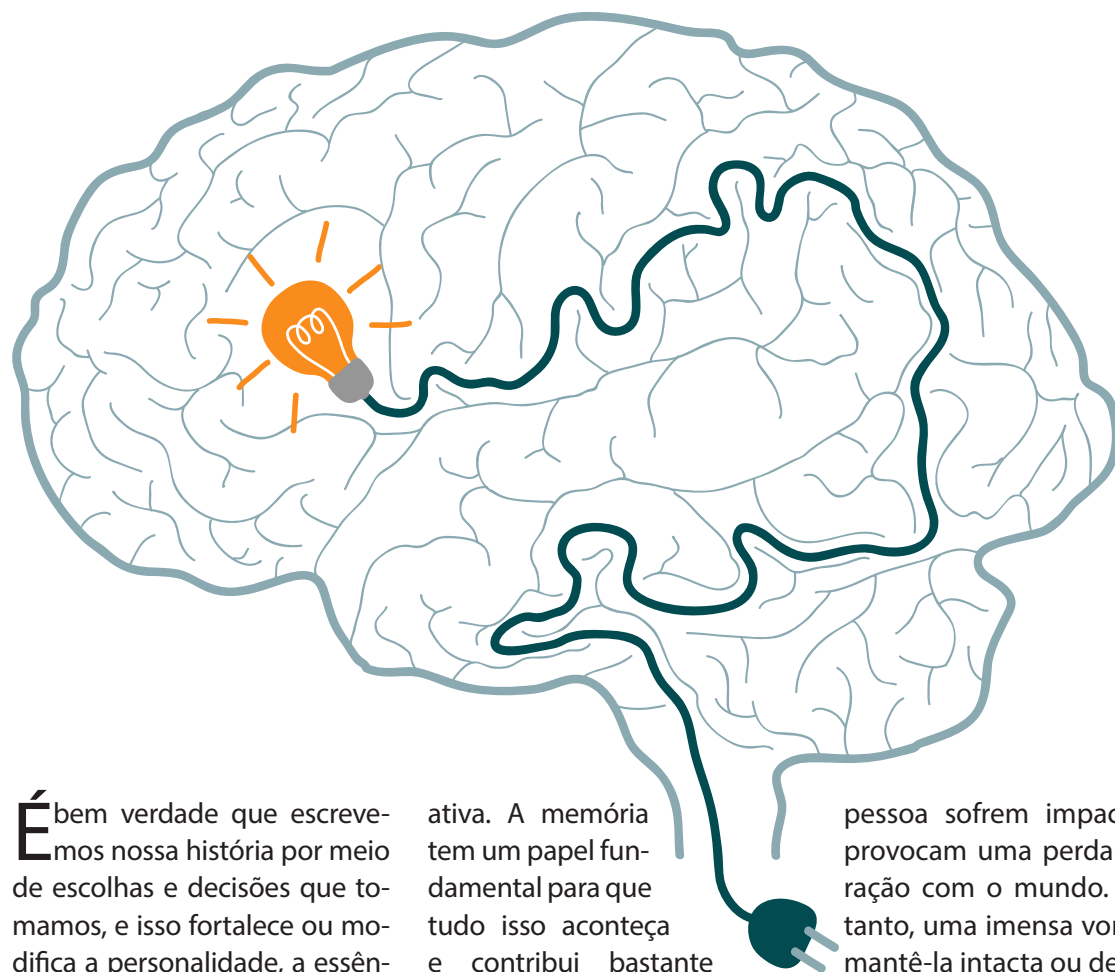
FONTE: [HTTP://WWW.USP.BR/NCE/WCP/ARQ/TEXTOS/6.PDF](http://WWW.USP.BR/NCE/WCP/ARQ/TEXTOS/6.PDF)





O cérebro e a memória

A memória é vital para guardarmos na mente elementos da nossa história e interagirmos melhor com o mundo



É bem verdade que escrevemos nossa história por meio de escolhas e decisões que tomamos, e isso fortalece ou modifica a personalidade, a essência de quem somos. Contudo, essa não é uma via de mão única. Nossa história também nos desenha. O passado, que vez ou outra acreditamos estar morto, muitas vezes está bem vivo e interfere no presente de maneira

ativa. A memória tem um papel fundamental para que tudo isso aconteça e contribui bastante para que possamos definir quem somos.

Não é à toa que, à medida que se perde as lembranças, as tomadas de decisões e as interpretações do que está acontecendo ao redor da

pessoa sofrem impactos que provocam uma perda da interação com o mundo. Há, portanto, uma imensa vontade de mantê-la intacta ou degradar o menos possível. Isso representa um desafio em uma sociedade com a quantidade de informações diárias que têm de ser processadas pelo cérebro. Também desafiam a memória algumas doenças ou distúrbios

associados à perda de memória, como o Alzheimer.

O desejo de armazenar informações em grande quantidade é tão grande que alguns até idealizam a possibilidade de lembrar absolutamente tudo. O que muita gente desconhece é que existe a Síndrome de Savant, ligada a uma extraordinária memória. O americano Kim Peek, por exemplo, que tinha a síndrome e que inspirou o personagem de Dustin Hoffman no filme "Rain Man", sabia com precisão o conteúdo de 12 mil livros.

O desejo de armazenar informações em grande quantidade é tão grande que alguns até idealizam a possibilidade de lembrar absolutamente tudo

Ao contrário do que se imagina, no entanto, esse fator não é positivo, pois um cérebro que não "esquece" perde a função de selecionar informações úteis e atrapalha a execução de tarefas por causa das lembranças evocadas contínua e ininterruptamente. Logo, as pessoas com a Síndrome de Savant, apesar de sua alta habilidade para armazenar informações, têm dificuldade em compreender o conteúdo memorizado. Esque-

cer, portanto, é vital para o bom funcionamento do cérebro.

Hoje, há muitas pesquisas voltadas para o conhecimento e manipulação de funções do cérebro – entre elas a memória. No Brasil, por exemplo, pesquisadores da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) conseguiram manipular uma lembrança específica de um rato, impedindo-a de tornar-se duradoura. Os cientistas fizeram isso inibindo, por meio de uma droga, a ação da dopamina (um neurotransmissor) no hipocampo (parte do cérebro envolvida na memória de longo prazo). Eles ainda descobriram que há uma área vizinha ao hipocampo que, se ativada depois de 12 horas de uma experiência, gera um processo de retenção daquela informação.

Outros grupos de pesquisa fora do País trouxeram contribuições ao descobrirem que a produção de novos neurônios acontece com mais frequência do que se imaginava. Investigações e experimentos mais avançados a respeito podem ajudar a compensar a morte dos neurônios em doenças degenerativas.

Todas essas descobertas, apesar das propostas benéficas, ainda não garantem controle sobre quais outras partes do cérebro serão afetadas e de que forma. **PI**



TIPOS DE MEMÓRIA

De uma maneira geral, a memória pode ser classificada de acordo com a duração – de longo e de curto prazo –, com o conteúdo – explícita ou declarativa e implícita ou não-declarativa – e com a função – de trabalho. Ainda existem outros tipos de memória ainda mais específicos dentro desses grupos.

- Longo prazo: guarda dados por dias ou anos, mas necessita de um tempo maior para ser consolidada;

- Curto prazo: armazena a informação por minutos ou horas;

- Declarativa: acessada conscientemente para registro e evocação de dados;

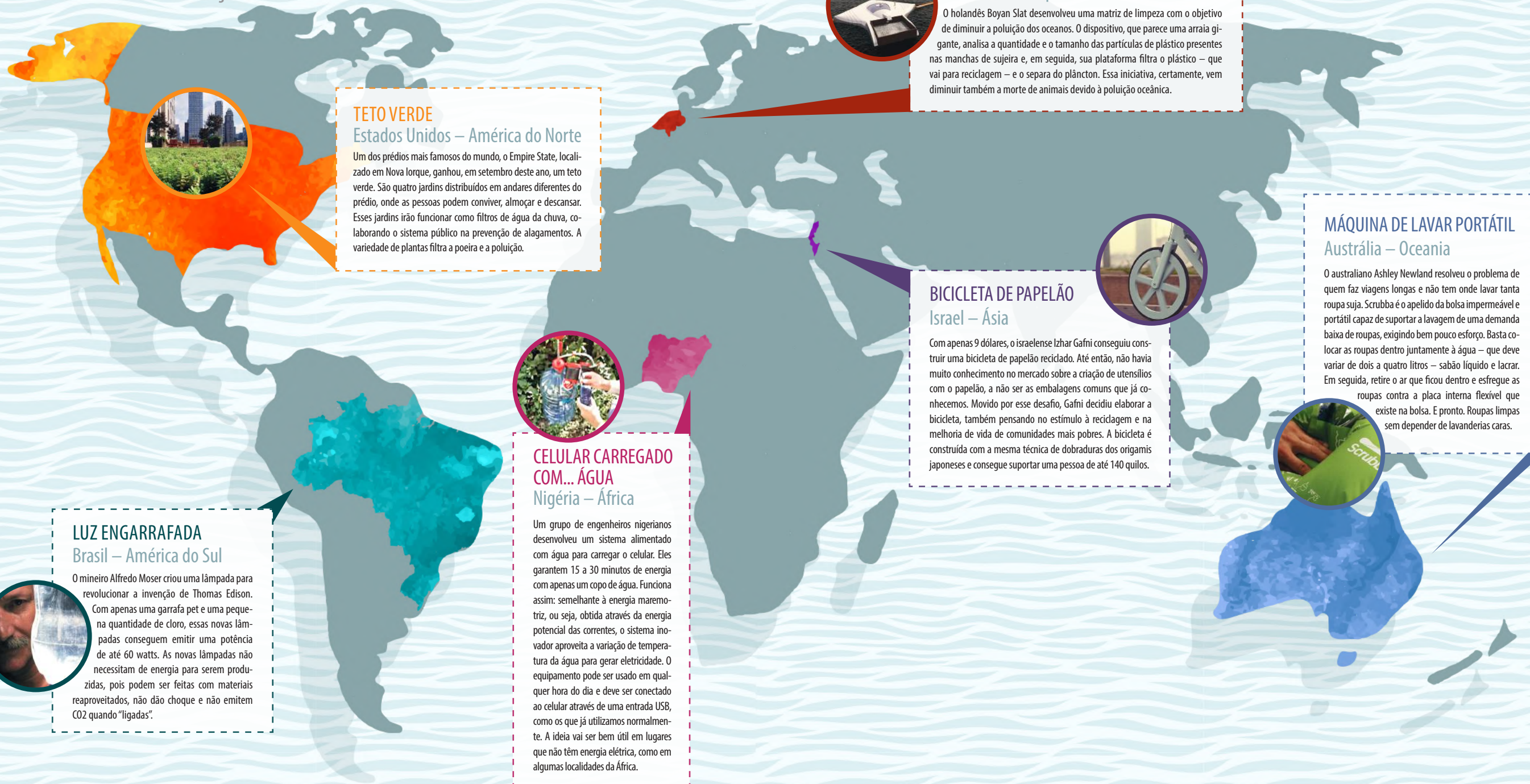
- Não-declarativa: refere-se a conhecimentos e habilidades automáticos, que não nos exigem esforço para lembrar;

- Trabalho: recebe as informações e gerencia as informações que chegam a fim de enviá-las para memória de longa duração ou de curta duração.



Inovações que fazem bem à natureza

Confira no mapa abaixo algumas ideias que os cinco continentes trazem para tornar nossa interação com o meio ambiente mais sustentável





Você sabe mesmo pesquisar na Internet?

Desde a chegada da Internet, muita gente aposentou as enciclopédias e os livros para começar a fazer buscas irrestritas e com possibilidades maiores de descobertas, através de inúmeros links, conexões e fontes sem fim. Agora, quando queremos pesquisar um tema, não vamos apenas nos direcionar a um foco específico: ganhamos uma amplitude bem maior de descoberta quando vamos ao já familiar Google, digitamos algumas palavrinhas e “plim”, um universo de possibilidades surge na tela. Veja abaixo algumas sugestões que podem refinar a sua pesquisa e tornar o seu tempo mais útil:

1 Encontre uma frase específica

Os mecanismos de busca procuram pelas principais palavras da frase que digitamos. Se nós precisamos encontrar uma frase específica, trecho de um livro ou algo que combine palavras, devemos colocar aspas na frase, pois o Google irá listar apenas os resultados que contêm a frase exatamente como foi digitada.

2 Excluir um termo da busca

Algumas vezes, queremos encontrar algo específico, mas, para isso, é preciso que o sistema deixe de fora alguns resultados que não têm relação com o que queremos. Por exemplo, quando pesquisamos no Google sobre o animal lula, só aparecerão resultados referentes ao ex-presidente, Luiz Inácio Lula da Silva. Para refinarmos a busca referente somente ao animal, neste exemplo, colocamos um sinal de subtração colado à palavra que não faz

parte do nosso campo de pesquisa: Lula -Luiz Inácio da Silva.

3 Pesquise páginas relacionadas

Encontrou uma página interessante e quer ver se existem outras parecidas? Digite related: e o endereço da página original.

4 Procurar um tipo específico de arquivo

Cada tipo de arquivo possui um formato específico, existem os .doc, os .pdf e os .jpeg, por exemplo. Se você precisa procurar um artigo acadêmico, ele provavelmente vai estar em formato .pdf. Para solicitar isso ao navegador, basta usar comando filetype:tipo de arquivo. Para encontrar um trabalho sobre didática de Ciências em .pdf, por exemplo, basta digitar Ciências filetype:pdf. O próprio Google dá dicas sobre seus mecanismos de busca. O endereço é www.google.com/insidesearch.

Como contar uma história



O site TED.com, desde junho de 2006, abriu para o mundo suas diversas conferências com ideias que valem a pena ser compartilhadas. Os temas são variados e passam por design, tecnologia, ciências e, também, literatura.

Mais recentemente, seis vídeos do site foram reunidos na série “How to tell a story”, ou seja, “Como contar uma história”. Na série, a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, a chilena Isabel Allende, o roteirista Andrew Stanton (criador do filme “Toy Story”), o produtor de filmes J.J. Abrams, a escritora turca Elif Shafak e o quadrinista Scott McCloud falam sobre seus processos de criação e suas fontes de inspiração. Todos os vídeos estão com legenda em português e podem ser uma boa fonte de inspiração para você que conta muitas histórias todos os dias.

CONFIRA: http://www.ted.com/playlists/62/how_to_tell_a_story.html

(CONTEÚDO RETIRADO DOS SITES DA REVISTA NOVA ESCOLA)



TANATAT/SHUTTERSTOCK

O chinelo

Saiba como surgiu o calçado mais popular do mundo

Ele é uma peça básica no dia a dia, usado por pessoas de todas as idades, em locais variados, como praias, praças e shoppings. O chinelo é um item que está sempre presente em nosso cotidiano, mas o que nem todos sabem é com que intuito a peça foi criada, pois, inicialmente, não foi para servir de calçado.

O chinelo surgiu em 2.300 a.C pelos sunistas que criaram chinelos mais pesados para capturar peixes nos rios. Anos depois, o calçado se tornou mais leve, muitas vezes feito de borracha, sendo sua variação mais comum o chinelo de dedo.

Já a numeração dos calçados surgiu quando o

O chinelo surgiu em 2.300 a.C pelos sunistas que criaram chinelos mais pesados para capturar peixes nos rios

Rei Eduardo I, da Inglaterra, decretou, por volta do ano de 1300, que fosse considerada como uma plegada a medida de três grãos secos de cevada enfileirados. Os fabricantes de calçados da Inglaterra aceitaram a ideia e passaram a fabricar, primeiramente, sapatos em tamanho padrão. Hoje, por exemplo, um calçado medindo 30 grãos de cevada é conhecido como de tamanho 30.

Já os chinelos mais famosos do mercado brasileiro, as Havaianas, surgiram bem depois, em 1962. A sandália foi inspirada em uma japonesa denominada Zori, feita com tiras em tecido e solado de palha de arroz. Por isso, o solado de borracha das Havaianas possui uma textura que reproduz grãos de arroz. Nos anos 1980, eram vendidos mais de 80 milhões de pares por ano.

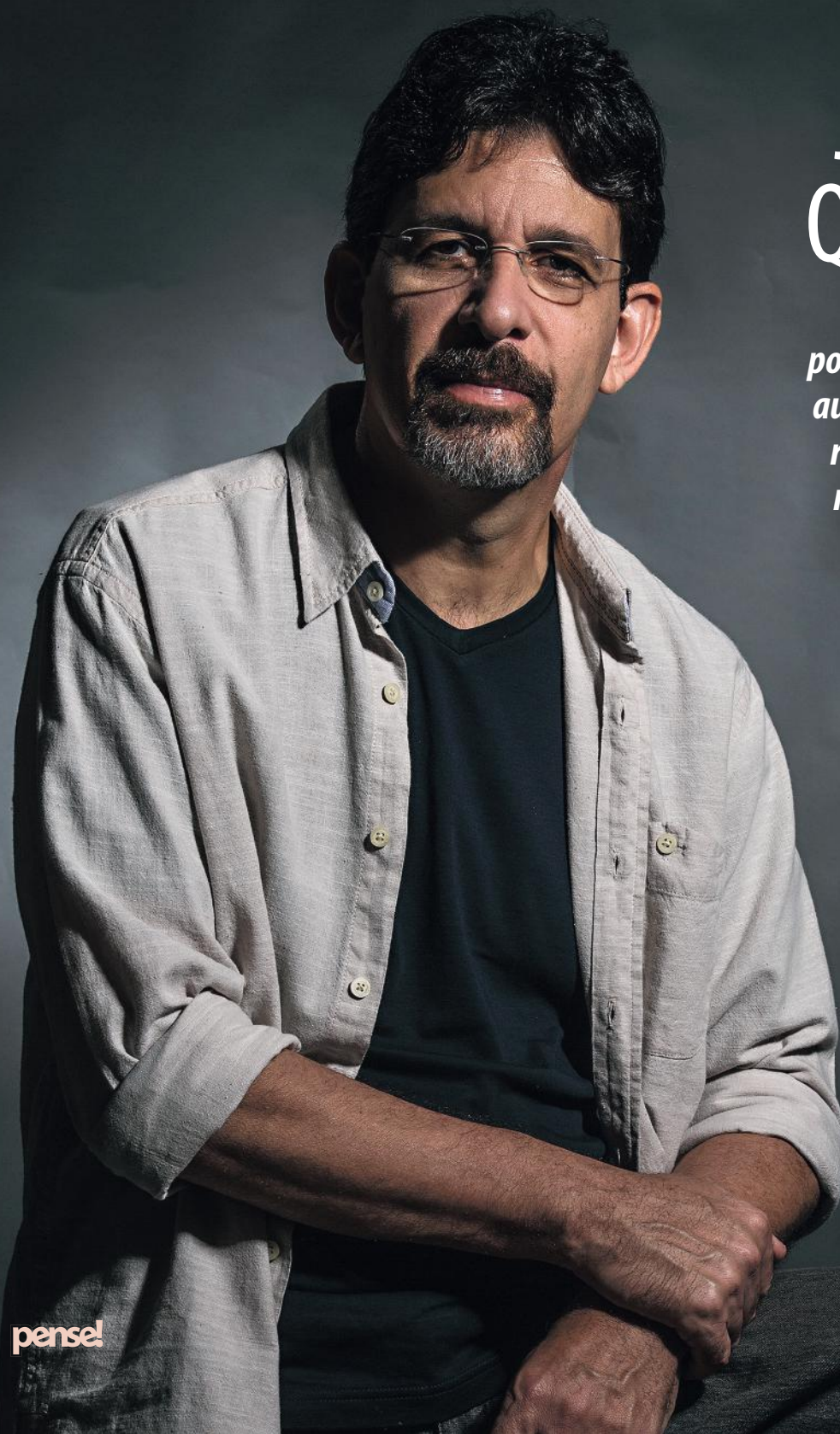
No Brasil, os chinelos chegaram como uma alternativa para a população de baixa renda e para dar mais conforto devido ao clima tropical. Depois, os chinelos de dedo conquistaram as mais variadas classes sociais e agradaram tanto os homens quanto as mulheres.



Jessier Quirino

Em causos, poesias e canções autorais, o poeta retrata o sertão nordestino com beleza e muita inspiração

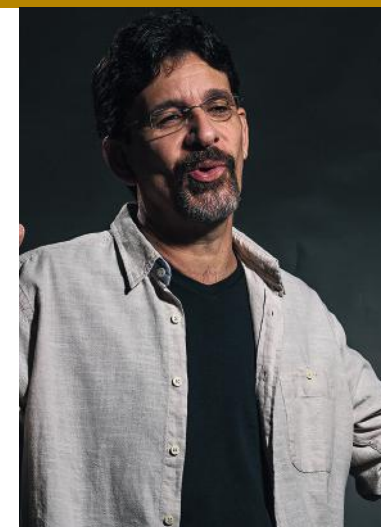
TODDY HOLLAND



pensel

Jessier Quirino nasceu na Paraíba, mas é como se, com sua arte, conseguisse levar toda a nação nordestina consigo, representando a memória da região em prosa e verso. Já durante a juventude, demonstrava habilidade ao falar, colocando força no ato declamatório e inflexão às palavras. “Era a poesia de fraldas e a declamação de calça Topeka”, relembra o poeta, referindo-se aos modelos de calça usados na época. A partir de uma convivência muito próxima com o sertão paraibano desde cedo, Jessier naturalmente se encontrou com seus principais temas poéticos: o matuto, a natureza agreste, a perspicácia do sertanejo e a beleza da simplicidade.

Na década de 1970, o poeta participou dos Festivais de Repentistas de Campina Grande, mas só mais tarde, quando adulto, começou a se envolver com o mundo das letras, através da convivência com artistas, poetas e intelectuais, já carregando alguma responsabilidade por obras autorais bem comentadas, como “Prosa Morena”, publicado em 1996 pela editora recifense Bagaço. Influenciado pela poesia matuta de Zé da Luz, Zé Laurentino, Renato Caldas e pela literatura mais rebuscada de Catulo, Guimarães Rosa e José Cândido de Carvalho, Jessier se debruçou no vocabulário popular rico e



**“Empurra a cancela Zé
Abre o curral da verdade
Pra mostrar pra mocidade
Como é que vive um Zé
Sem um conforto sequer
Com suas latas furadas
E a cacimba tão distante
Um Zé arame farpante
Feito de gente e de fé”**

Versos de “Zé Qualquer e Chica Boa”

pitoresco do Nordeste para criar um estilo próprio.

Ao ouvir as declamações do poeta, somos transportados para um sertão caricato e romântico que, nas palavras de Jessier, “já nem existe mais”. Apesar de não existir fisicamente, é um sertão que ainda habita a memória de muitos que já largaram suas bases interioranas e sentem sau-

dades. O mais interessante é que esse jeito poético e melancólico de declamar e recordar acaba por incitar a saudade até nos mais jovens, que nunca tiveram a oportunidade de vivenciar os temas trazidos pelo poeta.

E qual a fonte de inspiração para tanta beleza? “Costumo dizer que sou um prestador de atenção das coisas do dia a dia. Procuro anotar pequenos detalhes que fazem realmente a diferença na hora de contar, apoiado no ritmo da palavra e de gestos teatrais. Os poemas nascem de um processo de construção árduo, penoso e demorado, pois gosto de deixar a palavra dormir, ler, reler, lapidar, achar palavras gasosas, dessas que a gente só encontra nas últimas nuvens do céu. Já os causos, alguns têm de fato o viés de uma acontecência. O que eu faço é melhorar a verdade”, explica Jessier.

Para este ano, o poeta está lançando o livro “Papel de Bodega”, que vem com um CD no encarte, e o DVD “Vizinhos de Grito”. O DVD é resultado da gravação de espetáculos realizados em Recife, produzidos e gravados pela Rede Globo Nordeste para exibição no Especial de Fim de Ano 2013. Assim, Jessier Quirino traduz o nosso Estado para o restante do País com o que há de mais rico entre nós, que são as raízes e a tradição. **PI**

pensel



Evite o mau hálito

Saiba como evitar e tratar a halitose, problema que atinge pessoas de todas as idades

Conviver com uma pessoa que possui mau hálito é uma experiência bastante desagradável e constrangedora; pior ainda é quando o mal se apresenta em nós mesmos. A halitose – nome usado para designar problemas de mau hálito – é um indício de que algo no corpo está errado, porém, não é considerada uma doença e pode ser tratada.

O estudante Lucas Souza* já teve esse problema e, segundo ele, foi uma das piores fases da sua vida. “Eu tive halitose durante quatro anos, perdi amigos, ninguém ficava perto de mim. Eu escovava os dentes várias vezes ao dia, chegava a gastar duas pastas de dente por semana, mas de nada adiantava”, relembra.

De acordo com a Associação Brasileira de Halitose (ABHA), cerca de 30% da população sofre com o mau hálito. E a principal

causa, como muitos acreditam, não é problema no estômago. Em 90% dos casos, a origem do problema está na boca, causada, na maioria das vezes, pela higiene inadequada.

Algumas atitudes simples podem ajudar a evitar o problema, como escovar os dentes no mínimo três vezes ao dia, usar o limpador de língua, fio dental e enxaguante bucal regularmente. “A higiene bucal é imprescindível para o combate ao mau hálito, com cuidado especial à escovação da língua com remoção da saburra lingual. A realização de um exame para verificar o fluxo salivar é necessário, pois muitas pessoas possuem pouca saliva e não sabem”, orienta o dentista e especialista em halitose Danilo Lubbos.

Ficar muito tempo sem se alimentar é um hábito que pode causar o mau hálito. De acordo com o dentista, o ideal é dividir

bem as refeições, pois ficar muito tempo sem comer afeta a produção de saliva e consequentemente causa mau hálito.

O estresse, problema que atinge milhares de brasileiros que possuem uma rotina intensa de trabalho, também pode ocasionar halitose, conforme explica Danilo: “O estresse causa a diminuição na produção salivar, o que facilita a formação de uma massa esbranquiçada em cima da língua, chamada de saburra lingual ou biofilme lingual visível, que promove a formação de compostos voláteis à base de enxofre, principais compostos relacionados ao mau hálito”.

A auxiliar administrativa Carla Silva* também já teve halitose, mas, com a ajuda de sua dentista, conseguiu superar o problema. “Tive halitose duran-



Dicas para evitar o mau hálito

1. Escovar os dentes depois das refeições;
2. Usar regularmente o limpador de língua, o fio dental e o enxaguante bucal;
3. Evitar alimentos com cheiro forte, ricos em enxofre, gordurosos, e bebidas estimulantes;
4. Não fumar;
5. Beber bastante água;
6. Mascar chiclete sem açúcar.

te dois anos, e até para buscar tratamento foi complicado pelo constrangimento e também para admitir que tinha o problema”. Assim como Lucas, Carla também teve sua vida social afetada: “Percebi que era excluída de eventos e reuniões de amigos. No meu trabalho, chegaram até a colocar minha mesa mais isolada da dos colegas”, confessa.

A busca pelo tratamento deve ser feita o mais rápido possível. O ideal é procurar um profissional de odontologia especialista em halitose, pois somente ele poderá indicar o melhor tratamento para solucionar o problema. **P**

*OS NOMBES DOS ENTREVISTADOS FORAM TROCADOS, POIS ELES OPTARAM POR NÃO SE IDENTIFICAR.

JORGE CASAI/SHUTTERSTOCK



Montaigne e Comênio

Questionar e conhecer outros costumes e pontos de vista, levar em consideração os sentimentos e a inteligência das crianças são ideias propostas pelos dois pensadores

Michel de Montaigne nasceu no ano de 1533, próximo à cidade francesa de Bordeaux. A rigor, tem publicada somente uma obra, dividida em três volumes, porém, muitos ensaios, os quais ainda hoje são lidos por diversos educadores contemporâneos como Edgar Morin e Harold Bloom.

Por meio de seus escritos sobre educação, percebe-se que Montaigne pertencia à burguesia – classe em ascensão no período em que vivia –, a qual, como ele, contestava a excessiva erudição e intelectualismo que mais tinham função de segregar e distanciar que levar conhecimento, valores que eram pregados pela aristocracia dominante. Montaigne ainda criticava acidamente a cultura livresca

Montaigne



do humanismo renascentista, impregnada de conteúdos com alto grau de abstração.

Para fugir desse cenário erudito, que, para ele, traduzia uma razão ou um conteúdo sem traduzir nenhum significado, Montaigne propôs que se fizessem reflexões a partir da história pessoal e individual e do conhecimento de si, a partir das quais fossem elaboradas publicações e discussões sobre os mais variados assuntos. Com isso, ele acreditava que as pessoas poderiam, primeiro, mergulhar em experiências fortes da vida e, a partir daí, tomar uma posição.

É por meio desse ideal que Montaigne defendeu uma educação que não valorizasse somente a memorização de conteúdos, mas o exercício da dúvida, incentivando o saber questionar e investigar. O pensador morreu em 1592. Nesse mesmo ano, nascia o filósofo tcheco Jan Amos Komensky, cujo nome foi aportuguesado para Comênio (1592-1670), quem também levantou a discussão de temas de grande relevância para a época e até os dias de hoje.

Comênio, já no século XVII, defendia ideais que ainda são debatidos e almejados, como, por exemplo, o respeito à inteligência, às preferências, aos sentimentos, às aptidões e ao ritmo das crianças. Além disso,


Montaigne defendeu uma educação que não valorizasse somente a memorização de conteúdos, mas o exercício da dúvida, incentivando o saber questionar e investigar

no contexto em que o filósofo vivia, a educação era oferecida como um castigo e as aulas repletas de punições – uma delas, a famosa palmatória. O tcheco colocou-se contra essa estrutura e propôs que as crianças aprendessem brincando.

Em seu clássico Didática Magna, Comênio aborda temas relacionados à teoria da didática, à prática escolar e outros, apontando para a construção de relações entre o professor e os alunos em que sejam contempladas as reais necessidades e possibilidades dos alunos, bem como seus interesses e, também, a necessidade de professores e crianças envolverem-se em atividades, além da de ensinar e aprender. Nesse cenário, o professor deveria deixar de ser missionário e passar a ser um profissional, respeitado e devidamente reconhecido.

O filósofo tcheco foi o pioneiro a propor um modelo de escola em que tudo deveria ser ensinado a todos. Indepen-

dente de religião, transtornos ou qualquer outro motivo, todas as crianças deveriam aprender a ler, a escrever – para não serem excluídas da leitura e da interpretação livres de textos religiosos, na época proibidos pela Igreja Católica – e a calcular e raciocinar matematicamente – necessidade da sociedade da época, que crescia no comércio.

Tanto Montaigne como Comênio opuseram-se à arrogância intelectual pregada pela classe dominante – a aristocracia medieval – e defenderam uma educação dotada de maior significado. Logo, mesmo sem haver conhecido um ao outro, deixaram marcas decisivas desde os séculos XVI e XVII, que chegam até os dias atuais. 



Comênio

DIVULGAÇÃO.UNDIME



Cultivando o eu, o tu e o nós

As dinâmicas criam boas oportunidades de estreitamento de laços e afetos entre as pessoas de um grupo

A convivência em grupo pode ser algo enriquecedor. Trocamos conhecimentos com outros, fazemos amizades, aprendemos a trabalhar em equipe, aumentamos o senso de responsabilidade, passa-

mos a nos conhecer melhor e nos remodelar, alcançar pensamentos e atitudes mais maduras e muito mais.

Esse convívio, apesar de trazer todos esses benefícios, também traz, inevitavelmente,

pequenos atritos, que são frutos das diferenças entre as pessoas. Muitas vezes, eles são facilmente contornados e o grupo não perde sua força como unidade. Outras vezes, no entanto, as animosidades perpetuam-se por muito tempo e os vínculos acabam quebrando-se. Se não houver compreensão, paciência e revitalização das relações, o convívio em grupo pode se tornar algo difícil. Portanto, criar mo-

mentos em que todos possam lembrar qualidades dos outros e dividir risadas é importante.

As dinâmicas e brincadeiras em grupo, que geralmente acontecem próximas a datas festivas, como encerramento de semestre letivo, Páscoa e Natal, são exemplos de atividades que podem contribuir para o desenvolvimento de valores individuais e coletivos, bem como ser responsáveis por deixar boas lembranças a quem deles participa.

Para que todos, ou pelo menos a maioria do grupo,

Anjo Secreto

Nessa dinâmica, os participantes terão de, em primeiro lugar, fazer um sorteio em que cada um irá retirar e guardar em segredo o nome de um componente do grupo. Ou seja, todos serão e terão anjos. Em seguida, começam as atividades. Ao longo de aproximadamente uma semana, todos os dias, cada anjo deixa a seu amigo, de maneira sutil e discreta, bilhetes ou cartões com poesias, letras de músicas, pensamentos, trechos de livros e outros conteúdos. O importante é passar um pouco de si para o outro e, ao mesmo tempo, refletir sobre o que ele iria gostar de ler. O anjo também pode deixar junto ao que escreveu pequenas lembranças, como chocolates, dobraduras, artes manuais e o que a criatividade trouxer à mente. O encerramento da dinâmica acontece no dia da comemoração e cada um tem de tentar adivinhar quem foi seu anjo e dirigir a ele palavras de agradecimento e suas impressões sobre o que recebeu.

a pessoa deve lembrar-se de que, ao pensar em sua fala, não delongar-se demais, ou o grupo perderá sua voz.

É igualmente importante saber escolher a dinâmica que vai ser aplicada, pois, cada uma traz em si um objetivo – integrar, motivar, gerar reflexão, agregar, provocar risadas etc.. Para isso, o responsável pela escolha da dinâmica deve perceber como o grupo está. Se ele, por exemplo, acabou de ser formado ou está cheio de novos integrantes, pode-se elencar uma dinâmica para “quebrar o gelo” e outra para apresentação. Se o grupo passa por conflitos, utilizam-se dinâmicas que deem abertura à autorreflexão ou à fala dos integrantes.

Outro elemento importante é buscar selecionar dinâmicas que ainda não foram vivenciadas pelo grupo ou o momento poderá ser acometido pelo tédio. Veja no box um exemplo de dinâmica interessante para você aplicar. **PI**

goste da dinâmica, sugerimos algumas dicas para sua aplicação. A primeira é na escolha da pessoa que vai conduzir o momento. É interessante que seja alguém com boa desenvoltura para falar, que saiba dar boas explicações e seja bem humorada. Além disso,

SAIBA MAIS

Se você gostou da matéria e da dinâmica que trouxemos, visite nosso blog e confira outras sugestões que pesquisamos e selecionamos para você.
www.pensepaic.seduc.ce.gov.br

Comunidades quilombolas

A cultura negra é preservada no interior do nosso Estado e resgata seus valores culturais por meio de diversas atividades

Para muitas pessoas, a existência dos quilombos ficou lá atrás na história, ainda no período colonial, para refugiar os negros que eram escravizados e maltratados. Contudo, apesar de a escravidão ter sido oficialmente abolida em 1888, alguns desses agrupamentos resistiram aos dias de hoje e, atualmente, formam as comunidades quilombolas, que estão sendo pouco a pouco reconhecidas legalmente, a nível nacional e internacional.

No Ceará, a presença e a preservação cultural de comunidades negras existe em alguns municípios do interior do Estado, como nas localidades de Alto Alegre e Base, entre os Municípios de Horizonte e Pacajus, de Lagoa das Pedras e Encantados do Bom Jardim, em Tamboril, e de Sí-



tio Arrusa, entre os Municípios de Araripe e Salitre. Em 2012, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) identificou 476 famílias remanescentes de quilombos nesses três territórios

que somam 2.882 hectares.

Em Tururu, existem diversas famílias afrodescendentes que moram em localidades e na própria sede urbana. Destacam-se as comunidades de Água Preta e de Conceição dos Caetanos. Na serra de Itapipoca, destaca-se Nazaré.

Apesar de tantas conquistas, as expressões artísticas de origem negra ainda são ameaçadas frequentemente por conta das influências culturais e ideológicas impostas pela mídia. As principais vítimas do preconceito com essa cultura são os jovens afro-



descendentes, que, cada vez mais, esquecem-se de suas origens e renegam suas tradições para dançar as “danças da moda”. O grande desafio encontrado hoje nas comunidades quilombolas é garantir a participação dos jovens nas suas atividades culturais. O projeto “Águas Pretas – Arte Quilombola” se apresenta como alternativa de intervenção sociocultural junto aos adolescentes e jovens dessa comunidade, com o objetivo de garantir o fortalecimento, preservação e difusão das expressões artístico-culturais de origem afrodescendente.

Na comunidade de Alto Alegre, em Horizonte, as mulheres confeccionam bonecas

com características semelhantes às da comunidade: negras, olhos levemente puxados e roupas coloridas. As bonecas ganharam identidade. O projeto cresceu com a ajuda de uma empresa de design, que criou uma coleção exclusiva para as artesãs e, além das bonecas, são feitas outras peças, como porta-lápis e mochilas. As artesãs se reúnem todas as tardes no Centro Cultural Quilombola Negro Cazuza para fazer suas bonecas de pano e outros produtos artesanais. Elas se juntam para que uma dê força a outra, formando, assim, um trabalho cooperativo. **PI**

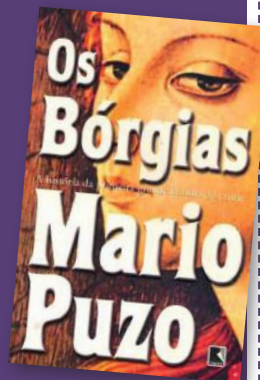


FILME "ENCONTRO DE IRMÃOS"

No filme, um jovem chamado Charlie, fica revoltado porque não herdou o patrimônio de seu pai, que foi para um beneficiário desconhecido por ele. Para ele, seu pai deixou somente um carro e algumas roseiras premiadas. Indignado e sem compreender o que estava acontecendo, segue em busca para descobrir quem lhe tomou o que era de direito. Nessa busca, Charlie depara-se com um irmão de quem nunca tinha ouvido falar antes, Raymond, que era autista e, na época, estava internado em um hospital psiquiátrico. Charlie tira seu irmão do hospital arquitetando uma forma de ficar com a herança. Aos poucos, porém, ele vai descobrindo que seu irmão tem habilidades fascinantes, como memorização impecável e saber calcular problemas matemáticos difíceis de forma muito rápida e precisa. Esse encontro acaba fazendo que a relação dos irmãos se estreite e se fortaleça, e que Charlie afaste-se de seu mundo egoísta. Protagonizado por Dustin Hoffman e Tom Cruise, o filme levou, em 1989, estatuetas do Oscar nas categorias de melhor filme, melhor direção (Barry Levinson), melhor ator (Dustin Hoffman) e melhor roteiro original.

"OS BÓRGIAS"

O livro traz a história da família Bórgia, uma das mais influentes e polêmicas da História. O nome original do livro, "The Family", foi traduzido no Brasil como "Os Bórgias". O leitor depara-se com uma história intrigante e envolvente marcada pela luxúria, por assassinatos e pela corrupção. A trama gira em torno do cardeal Rodrigo Bórgia, que se torna o papa Alexandre VI. A escolha do cargo não é feita de maneira limpa, pois o cardeal a manipula com a compra de votos e até homicídio. Rodrigo Bórgia não calcula limites para deter poder em suas mãos e, por meio de uso de artifícios ilegais e artimanhas, faz que sua família seja uma das mais influentes da Europa Renascentista do século XV. A história é marcada por diversos questionamentos dos próprios personagens em relação aos seus desejos e ambições.



"PADRE CÍCERO PODER, FÉ E CURA NO SERTÃO"

Padre Cícero é considerado um dos maiores líderes religiosos do Brasil. Nesse livro, os leitores poderão conhecer mais sobre sua história, conhecendo mais detalhes de alguns fatos, como quando recebeu a acusação de realizar falsos milagres e foi excomungado pelo Vaticano. Depois de anos de pesquisa, o autor reconta os noventa anos de vida do religioso, desde seu nascimento no sertão cearense até a consagração como líder popular. O livro é em ordem cronológica, o que facilita a compreensão do leitor e deixa a história mais organizada. Também foi dividido em 2 partes: na primeira, o leitor mergulha no que é referente à carreira religiosa de Padre Cícero, enquanto na segunda, deparam-se com sua trajetória política. O livro é envolvente, e ficou com o segundo lugar, na categoria biografia, do Prêmio Jabuti de Literatura, em 2010.



ADIVINHE

Ó, lua branca de fulgores e de encanto
Se é verdade que ao amor tu dás abrigo
Vem tirar dos olhos meus o pranto
Ai, vem matar essa paixão que anda comigo
Ai, por quem és, desce do céu, ó, lua branca
Essa amargura do meu peito, ó, vem, arranca
Dá-me o luar de tua compaixão
Ó, vem, por Deus, iluminar meu coração
(**Lua Branca**)

Ó abre alas que eu quero passar
Ó abre alas que eu quero passar
Eu sou da lira não posso negar
Eu sou da lira não posso negar
(**Ó Abre Alas**)

POEMA

VEJO FLORES EM VOCÊ

Vejo flores em você
Porque és a semelhança do Divino
Porque és também humano
Chora, ri, aprende, ensina, Ama

Vejo flores em você
Porque buscas a felicidade
Porque contribuis para sua efetivação
Trabalha, investe, sonha, recebe, Doa

Vejo flores em você
Porque estás aqui
Mas também estás ali
Reinvento, observa, mostra, erra, Acerta

Vejo flores em você
Porque "não se educa sozinho"
Mas acumula e dissemina experiências
Realiza, pensa, observa, mediatiza, Constrói.

Vejo flores em você
Porque da mesma forma que eu
És educador(a)

DICAS

1- Nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1847 e faleceu no ano de 1935.

2- Considerada uma das maiores personalidades femininas da história da música popular brasileira.

3- Compositora e instrumentista, também foi a primeira mulher brasileira a reger uma orquestra.

4- Foi autora da primeira marcha de Carnaval, "Ó Abre Alas", e outras.

5- Aprendeu a tocar piano ainda criança e compôs sua primeira música aos 11 anos de idade, uma canção natalina intitulada "Canção dos Pastores".

6- Já adulta, não perdeu o envolvimento com a música e passou bastante tempo dando aulas de piano e tocando em festas.

7- Compôs valsas, tangos, polcas e canções.

8- Foi a primeira pianista de choro e responsável pela introdução das músicas populares nos salões elegantes.

9- Fundou a primeira sociedade protetora dos direitos autorais, a Sociedade Pioneira na Arrecadação e Proteção dos Direitos Autorais (SBAT)

10- Aos 52 anos, após dois casamentos, uniu-se ao músico João Batista Fernandes Lage, que na época tinha apenas 16 anos. Para não ser alvo de comentários nem provocar escândalos, ela registrou João Batista como filho e seu relacionamento só foi descoberto após sua morte por meio de cartas e fotos do casal.

11- Seu nome de batismo é Francisca Edwiges Neves Gonzaga, mas é mais conhecida por seu apelido que tem por iniciais CG.



SUPER PROF EM

Descobrendo Novos Mundos

POR: NATHALIA C. FORTE E REDI BORTOLUZZI
CONSULTORIA PEDAGÓGICA: LARA MACHADO
COR E ARTE-FINAL: RAFAEL VIANA



fim